

O MÓVEL UTÓPICO

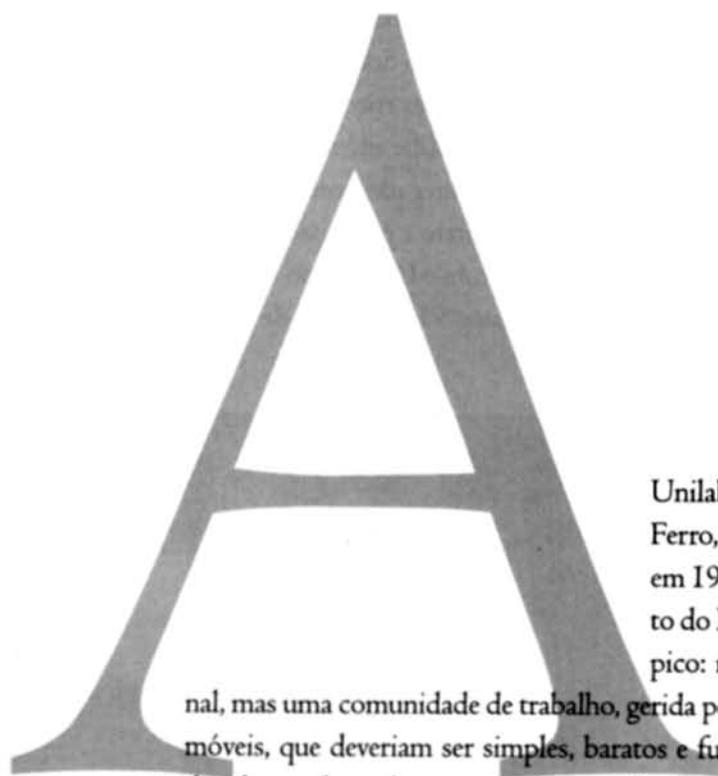
Reportagem
José Geraldo Couto



UNILABOR. ESSA PALAVRA DE ORIGEM LATINA, QUE REÚNE AS IDÉIAS DE UNIÃO E TRABALHO, RESUME UM DOS CAPÍTULOS MAIS BONITOS E ORIGINAIS DA HISTÓRIA DA PRODUÇÃO DE MÓVEIS NO BRASIL.







Unilabor, Indústria de Artefatos de Ferro, Metais e Madeira Ltda. surgiu em 1954, no bairro paulistano do Alto do Ipiranga, como um projeto utópico: não seria uma fábrica tradicional, mas uma comunidade de trabalho, gerida pelos próprios empregados. Seus móveis, que deveriam ser simples, baratos e funcionais, não seriam privilégio das classes abastadas, mas estariam ao alcance dos trabalhadores comuns.

Por trás dessa iniciativa generosa e ousada está o encontro entre dois homens – um religioso e um artista. O religioso é o frei dominicano João Batista Pereira dos Santos; o artista é o pintor, fotógrafo e designer Geraldo de Barros.

Depois de estudar na França, onde se filiou ao movimento cristão Economia e Humanismo, frei João Batista voltou ao Brasil ansioso por levar à prática suas idéias sobre comunidades de trabalho. Chamado em 1950 para dirigir uma filial do Círculo Operário do Ipiranga – uma espécie de sindicato assistencialista católico –, em pouco tempo ampliou e revitalizou o local, na estrada do Vergueiro, onde funcionavam um posto de assistência médica, um entreposto comercial e uma escola de alfabetização.

COMUNIDADE DE TRABALHO

Uma das primeiras iniciativas de frei João Batista foi reformar um galpão que servia de venda e transformá-lo numa capela. Para decorá-la, chamou uma série de artistas de ponta, como Alfredo Volpi, Bruno Giorgi e Yolanda Mohalyi.

Foi nessa capela, de certo modo, que Geraldo de Barros entrou nessa história, pois foi lá que ele se casou, em 1952, estreitando seus laços de amizade com frei João Batista. Juntos, os dois conceberam a idéia de criar uma pequena fábrica segundo os princípios da comunidade de trabalho. Geraldo, que havia começado, um tanto domesticamente, a desenhar móveis, propôs que o ramo da fábrica fosse esse – e desde então tornou-se o principal designer da Unilabor.

Nos seus 13 anos de existência [foi fechada em 1967], a Unilabor cumpriu a primeira parte de sua proposta – a de ser uma comunidade gerida democraticamente –, mas não conseguiu fazer móveis para as famílias de baixa



A ISIANTE MODULADA [na página ao lado] seguia as normas: sobriedade, linhas retas e funcionalidade.

Acima, quatro modelos de cadeiras com misturas de materiais.

renda. Os únicos trabalhadores que chegaram a adquirir os móveis da Unilabor foram os próprios marceneiros que os produziam. Os motivos dessa derrota parcial têm a ver, sobretudo, com a dificuldade de comercializar em larga escala os móveis Unilabor, e com o próprio custo de sua produção.

Em seus primeiros anos de existência, a Unilabor produzia basicamente por encomenda. O escritor e crítico Paulo Emilio Salles Gomes foi um dos primeiros a encomendar móveis à fábrica, então só conhecida por pessoas da classe média esclarecida. "Quem comprava não comprava apenas o móvel, mas também o projeto, a filosofia da Unilabor", define o arquiteto e pesquisador Mauro Claro, que prepara uma tese sobre o assunto na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Mas a fábrica rapidamente se ampliou, passando a contar, no final dos anos 50, com cerca de 70 ou 80 trabalhadores. Parou de fazer móveis por encomenda e começou a trabalhar com estoque.

DESENHO "RACIONAL"

O aumento da produção, conjugado à necessidade de baratear o produto, fez com que Geraldo de Barros desenvolvesse o processo de modulação dos móveis, ou seja, grande parte das peças obedecia a medidas padronizadas para facilitar encaixes e acoplamentos. Geraldo de Barros posteriormente levaria a modulação ainda mais longe em sua própria fábrica de móveis, a Hobjeto.

O que caracterizava o móvel Unilabor? De acordo com Mauro Claro, a Unilabor utilizava, de modo geral, uma linguagem comum a diversas outras fábricas da época: linhas retas, sobriedade, funcionalidade. A referência principal [e assumida] de Geraldo de Barros, como de outros designers brasileiros, era o desenho "racional" de Walter Gropius, da escola alemã Bauhaus.

Onde a Unilabor inovou foi na combinação ferro/madeira, com uso em toda a linha da fábrica, que ia de banquetas a guarda-roupas, passando por mesas, cadeiras, estantes, escrivaninhas, camas e armários. A Unilabor usou muito também o compensado – que estava começando a ser adotado na época –, a palhinha, o plástico e tecidos como lona e lonita.

ATÉ PAINEL DE AERO-WILLYS

Um material característico de muitos dos móveis Unilabor era o jacarandá. "A Unilabor foi uma das últimas a produzir com jacarandá da Bahia, que foi escasseando e se tornando caro", lembra com orgulho Waldenes Japiassu, que trabalhou na fábrica entre 1959 e 1965, como administrador. "Usávamos o jacarandá para os tampos, cedro para as gavetas e jequitibá para fazer compensados", confirma José Soares de Oliveira, que entrou na Unilabor como aprendiz, aos 17 anos, em 1962, e trabalhou lá como marceneiro até 1966. Ele lembra que até painel de Aero-Willys [o carrão da época] a fábrica chegou a produzir em jacarandá.

Outro que lembra com saudade de seus tempos de Unilabor é o também marceneiro Abel Pinto, que esteve na fábrica entre 1957 e 1966. "Os salários lá eram os melhores do mercado, e havia um espírito de comunidade muito grande." O ex-administrador Waldenes Japiassu – que hoje é dono de uma pequena editora – confirma que um emprego na Unilabor era disputadíssimo. "Tinha fila para trabalhar lá, não só pelo ambiente, mas também pelo salário, que era o dobro do de uma empresa normal." De acordo com Japiassu, o fechamento da Unilabor, em 1967, foi consequência de uma



A CASA do escritor e crítico Paulo Emilio Salles Gomes, na década de 60, com mesa, cadeiras e buffet da Unilabor.



CASA TÍPICA DOS ANOS 60, com mesa e cadeiras de madeira e palhinha. Abaixo, no detalhe, a capela do Cristo Operário, com o mural de Alfredo Volpi.

persistente pressão econômica por parte do regime militar. “Quem matou a Unilabor foram os militares. Eles achavam que nossa experiência comunitária cheirava a comunismo, e então nos afogaram.”

O arquiteto e decorador Ideo Bava, que entrou na empresa em 1964, para substituir Geraldo de Barros, tem uma visão mais distanciada e crítica do processo. “O desenho de móveis na Unilabor, assim como em todo o Brasil, era uma coisa muito incipiente ainda, não estava adequado a uma realidade industrial. Fui chamado não apenas para dar continuidade ao trabalho do Geraldo, mas também para tentar um enxugamento da empresa.” De acordo com Bava, Geraldo de Barros deixou a Unilabor em função do atrito entre seus anseios pessoais e a ideologia comunitária da fábrica.

De qualquer maneira, Ideo Bava tem uma avaliação positiva da Unilabor: “Ela representou um papel social, no sentido de pensar um móvel que fosse mais acessível sem banalizar o aspecto estético. Foi um projeto feito de muito boas e sérias intenções.”

O local onde funcionava a Unilabor é alugado hoje pelos dominicanos a uma firma de cartonagem. Resta, para visita pública, a capela, com o célebre Cristo Operário de Volpi, que fez também os vitrais. A Unilabor é hoje um punhado de móveis espalhados por residências de São Paulo e arredores. Resistentes, sóbrios, bonitos. ●

